



Freepik

“O amor não é apenas um sentimento espontâneo, mas também algo influenciado por estruturas sociais”

Renato Noguera, filósofo

cis-heteronormativos, que estabelecem papéis diferentes e complementares para homens e mulheres.

Na prática, isso significa que o amor não é apenas um sentimento espontâneo, mas também algo influenciado por estruturas sociais. Noguera chama atenção para o que define como um “mercado afetivo”, em que características como renda, aparência e status funcionam quase como critérios de valor. Conceito que vem sendo discutido em áreas como a antropologia das emoções, a psicologia social e a filosofia, que analisam como os vínculos afetivos também são atravessados por lógicas sociais e culturais. “O desafio é não reproduzir automaticamente esses padrões e construir relações baseadas em reciprocidade, cuidado e liberdade.”

As mudanças recentes, principalmente relacionadas à autonomia feminina, trouxeram novas possibilidades, mas também novos desafios. “Vivemos um paradoxo”, afirma o filósofo. “Ao mesmo tempo em que há mais liberdade de escolha, padrões antigos continuam operando.” Segundo ele, isso acontece porque mudanças

estruturais, como maior acesso à educação e independência financeira, não transformam automaticamente a cultura e o imaginário social. Isso tem gerado, segundo ele, um desencontro entre expectativas de homens e mulheres, especialmente em relações heterossexuais.

Dinheiro na relação

Esse desencontro aparece de forma concreta no dia a dia dos casais. Embora o amor pareça um “território livre”, fatores como renda e status estão presentes, mesmo que de forma silenciosa. “Eles são convidados ocultos em quase todos os jantares de casal”, afirma a psicóloga Alessandra Araújo. “Quando as contas não fecham, ou fecham de forma muito desigual, a dinâmica emocional muda.”

Na prática, diferenças de renda ou escolaridade podem criar um desequilíbrio de poder dentro da relação. Segundo a especialista, quem possui mais recursos tende, ainda que de forma inconsciente, a ter

a palavra final em decisões, que vão desde escolhas cotidianas até planos de vida. “Isso pode gerar um sentimento de submissão em quem ganha menos e de sobrecarga em quem ganha mais, criando um abismo onde deveria haver parceria”, explica.

As relações hipogâmicas, especialmente quando a mulher tem maior renda ou status, ainda enfrentam resistências. “É um tabu silencioso”, diz Alessandra. Isso porque muitos homens foram socializados para associar sua identidade ao papel de provedor. Quando essa lógica se inverte, podem surgir inseguranças profundas. “O homem pode se sentir inferiorizado, o que muitas vezes aparece como irritação, queda no desejo sexual ou críticas constantes à parceira, como forma de compensação”, afirma.

As diferenças também impactam diretamente a forma como cada um se enxerga dentro da relação. Quem ocupa a posição considerada “inferior” pode desenvolver uma espécie de síndrome do impostor, sentindo que precisa provar o tempo todo que merece estar ali. Já quem tem maior status pode, sem perceber, assumir uma postura paternalista. “Quando um passa a se sentir superior e o outro inferior, a relação deixa de ser entre iguais, e isso afeta até a atração”, explica.

Além das dinâmicas internas, a pressão social continua pesando. “Ainda vivemos sob o fantasma do provedor”, diz a psicóloga. Homens seguem sendo cobrados a sustentar, enquanto mulheres, mesmo independentes, ainda são incentivadas a buscar segurança em um parceiro. “Uma mulher que sustenta a casa ainda ouve comentários condescendentes. Já um homem que cuida do lar é visto como alguém que fracassou, e não como alguém que fez uma escolha”, afirma.

Grande parte dessas escolhas não é totalmente consciente. Desde cedo, referências culturais ajudam a moldar o que é considerado um “bom parceiro”. “Somos treinados por filmes, livros e pela própria família a buscar alguém com potencial. O cérebro associa isso à ideia de estabilidade”, explica. Ainda assim, esse cenário começa a mudar. “As pessoas estão começando a priorizar mais afinidade emocional e intelectual, mas o filtro do status ainda pesa, principalmente no início.”

Para Alessandra Araújo, conceitos como hipergamia e hipogamia continuam atuais, mas estão em transformação. “O discurso hoje é de igualdade, mas, na prática, quando entra dinheiro, sucesso ou divisão de contas, velhos padrões de ego e insegurança reaparecem”, conclui.

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**